



## O processo de interação entre cursistas e tutores (*on line*) no Núcleo de Educação Aberta e a Distância - NEAD/UFMT<sup>1</sup>

Dyolen Emanuel Vieira de SOUZA<sup>2</sup>

Lúcia Helena Vendrúsculo POSSARI<sup>3</sup>

Universidade Federal de Mato Grosso, Mato Grosso, MT

### Resumo

A pesquisa visa analisar o processo de interação entre cursistas e tutores (*on line*) no Núcleo de Educação Aberta e a Distância – NEAD –, da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. Cabe problematizar: como se dá o processo de interação e de que modo a interlocução *on line* garante os sentidos pretendidos? Os fluxos comunicativos – emissor/enunciador, receptor/enunciatário e os meios – configuram-se como o enfoque do trabalho. O componente dialógico – a interação – permite chegar à compreensão que circunscreve as complexas formas de comunicação da contemporaneidade, destacando o papel das mediações e dos mediadores nas produções de sentido pretendidos. A investigação é de abordagem qualitativa para fazer uma análise cultural no campo educativo, priorizando a Linguagem. Investiga-se como se dá a interação entre docentes e discentes nessa modalidade de ensino.

**Palavras-chave:** cibercultura; educação a distância; comunicação.

### Preliminares

Com o propósito de pensar as relações entre a Comunicação e a Educação, o texto apresenta uma pesquisa sobre o cenário do ensino /aprendizagem no Núcleo de Educação Aberta e a Distância – NEAD/UFMT, através da virtualidade. Como virtual, nomeamos toda entidade “desterritorializante”, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular (Lévy, 1999).

O objetivo geral da pesquisa é oportunizar aos estudiosos da área de Comunicação, Cultura e Educação reflexões acerca da hibridação irreversível dessas áreas. Quanto aos objetivos específicos, a pesquisa aspira apontar como se configura a construção do saber, docente e discente, por meio do EAD; As formas utilizadas para a formação desse saber; E, como se dá a relação de troca informacional entre o professor /aluno.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT – Cibercultura e Tecnologias da Comunicação, do Iniciacom, evento componente do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Comunicação Social /Rádio e TV, da UFMT, email: dougdy@gmail.com.

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social /Rádio e TV, da UFMT, email: lhpossari@uol.com.br



A observação e coleta de dados ocorreram entre os meses de novembro de 2007 e abril de 2008, envolvendo o universo de cursistas e tutores (on line), sendo todos do NEAD da UFMT.

O projeto faz parte de outro projeto-mestre intitulado “Comunicação e (Ciber)cultura: Mídia e Processos Educativos”, que também analisa as relações entre as duas áreas.

Como dissemos, a investigação, por meio de abordagem qualitativa, é uma análise cultural no campo educativo, priorizando a Linguagem. O desejo é o de recuperar a idéia segundo a qual os sentidos são, efetivamente, elaborados no intervalo cortado por sequências mediativas e dialógicas e que, as quais podem sobrelevar-se. Ou seja, a força do emissor-enunciador, a capacidade de resposta do receptor enunciatário e mesmo o encantamento exercido pelo meio técnico devem ser remetidas ao lugar onde a matéria histórico-discursiva entrelaça as redes de significações que cutucam e incomodam (CITELLI, 1999).

## **O Paradigma emergente**

Criado em 1992, o Núcleo de Educação Aberta e a Distância (NEAD) tem como objetivo desenvolver programas e projetos de formação e de pesquisas nesta modalidade educativa. Ligado ao Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, composto por uma equipe de professores de diferentes áreas do conhecimento, com a participação de técnicos da Secretaria de Estado de Educação, técnicos da própria UFMT e com uma equipe de orientadores Acadêmicos (tutores) responsáveis pelo acompanhamento mais direto dos alunos, o Núcleo visa democratizar o acesso às universidades, discutir os novos paradigmas educacionais e, principalmente, formar professores do ensino básico (1-4 série do 1º grau). Além de implantar o curso de Administração a distância.

Todavia, em que medida o Núcleo garante a qualidade da construção de sentidos entre professores e alunos, ou seja, o processo de ensino/aprendizagem? O novo paradigma educacional emergente demonstra que há um diálogo interativo entre o modelo científico, as teorias da aprendizagem e as práticas pedagógicas desenvolvidas.

O conceito de paradigma empregado nessa pesquisa é o apresentado por Morin: “o paradigma é um tipo de relação muito forte, que pode ser de conjunção ou disjunção, que possui uma natureza lógica entre um conjunto de conceitos-mestre”.

Morin nos oferece uma idéia mais completa sobre a evolução do conhecimento científico, que, além de crescer em extensão, também se modifica, transforma-se mediante rupturas que ocorrem na passagem de uma teoria para outra.

Nessa vertente, a ciência exige uma nova visão do mundo, diferente e não fragmentada. A atual abordagem que analisa o mundo em partes independentes já não funciona. Paradoxalmente, acreditamos na necessidade de construção e reconstrução do homem e do mundo, tendo como um dos eixos fundamentais a educação, reconhecendo a importância de diálogos que precisam ser restabelecidos, com base em um enfoque mais holístico e em um modo menos fragmentado de ver o mundo e de nos posicionarmos diante dele. Já não podemos prescindir de uma visão mais ampla, global, para que a mente humana funcione de modo mais harmonioso no sentido de colaborar para a construção de uma sociedade mais ordenada.

A construção do novo paradigma educacional, que trazemos como apoio às nossas reflexões, enfatiza a totalidade indivisa, o pensamento sistêmico, e se baseia na



compreensão de que o todo só pode ser entendido se relacionado às suas partes, às suas conexões, mediante a complexidade existente entre os fenômenos que regem a natureza.

Esse novo paradigma leva-nos a avançar, segundo Moraes, da Era Material para a Era das Relações. A primeira pressupõe a dualidade, a divisão entre o observador e o observado, que em uma dimensão mais profunda, separa o homem do mundo, em razão de uma visão fragmentada, onde o indivíduo, multifacetado, encontra-se separado dos outros e da própria natureza.

De acordo com a autora, o novo paradigma está nos levando à Era das Relações, que envolve a unicidade com o real e com o eu, a integração do homem com a natureza, a crença na existência de partes distintas e a prevalência de formas mais elevadas de cooperação entre seres vivos e não-vivos. É a era da autoconsciência, de respeito ao espírito humano e à diversidade cultural.

Tais objetos teóricos que a ciência substancia sobre si são ‘desconstruídos’,

“a cibernética<sup>4</sup> restaurou cientificamente à idéia de finalidade, tornando-a complexa; restaurou a idéia de fatalidade não no sentido global, difuso, vago ou imperialista, mas no sentido de organização de um todo que não se reduz à soma de suas partes; enriqueceu a causalidade com as idéias de retroação negativa e positiva. Se essa é a vertente fecunda, é evidente que, outra, a cibernética serviu para a redução de tudo aquilo que é social, humano e biológico à lógica unidimensional das máquinas artificiais (Morin, 1999).

Desse modo, a cibernética aliada à Cibercultura eliminou a “presencialidade”, desconstruiu a figura tradicional de muros, salas-de-aula ou a presença física dos professores, ampliando o universo educacional.

Na educação a distância, o signo corporeidade assume matizes diferenciados. Considero, assim como Possari, que a corporificação nessa modalidade educacional se dá pelo texto. O texto é a presença – impressa, tele, digital, *hipertextual*.

Assim como havia dito, os fluxos comunicativos – emissor/enunciador, receptor/enunciatário e os meios configuram-se como o enfoque comunicativo. O componente dialógico - a interação - permite a compreensão que circunscreve às complexas formas de comunicação da contemporaneidade, destacando o papel das mediações e dos mediadores nas produções de sentido pretendidos.

A simultaneidade e o tempo – signos do contemporâneo –, são denominados como *agoridade* (Possari, 2001) e composto de temporalidades que exigem a inserção, na educação, de um ecossistema no qual sejam configurados o tempo e espaço.

Quanto mais rápida é a alteração técnica, mais nos parece vir do exterior. Além disso, o sentimento de estranheza cresce com a separação das atividades e a opacidade dos processos sociais. É aqui que intervém o papel principal da inteligência coletiva, que é um dos principais motores da cibercultura. De fato, o estabelecimento da sinergia entre competências, recursos e projetos, a constituição e manutenção dinâmicas de memórias em comum, a ativação de modos de cooperação flexíveis e transversais, a distribuição coordenada dos centros de decisão, opõem-se à preparação estanque entre as atividades, às

---

<sup>4</sup> Cibernética é um termo divulgado pelo matemático americano Norbert Wiener (1894-1964), ex-professor do Massachusetts Institute of Technology (MIT). Em sua origem grega, cibernética significa a arte de pilotar ou, em sentido aplicado, seria a arte de dirigir homens e máquinas. A comunicação, na tradição da pesquisa americana, foi a busca de controlar o fluxo de informações, de controlar o processo de troca simbólica. Em outras palavras, de controlar a audiência, se aplicada aos estudos de comunicação de massa. Contra esta idéia de controle, baseada numa frieza de troca de informações entre máquinas, é que se volta os pioneiros do pensamento latino-americano em comunicação.



compartimentalizações, à opacidade da organização social. Quanto mais os processos de inteligência coletiva se desenvolvem – o que pressupõe, obviamente, o questionamento de diversos poderes –, melhor é a apropriação, por indivíduos e por grupos, das alterações técnicas, e menores são os efeitos de exclusão ou de destruição humana, resultantes da aceleração do movimento técnico-social. O ciberespaço, dispositivo de comunicação interativo e comunitário, apresenta-se justamente como um dos instrumentos privilegiados da inteligência coletiva (Lévy, 1999).

Há um rompimento entre a educação continuada a distância e os conceitos de tempo e espaço, compreendendo as ações em termos de *agoridades*. Barbero chama isso de destempo.

Sobre a espacialidade, o signo não é o de não-localização e, sim, o de emissão-recepção, ou seja, a relação de interação entre o emissor (produtor do texto) e o receptor (leitor). Assim como afirma McLuhan, o meio é a mensagem.

Portanto, faz-se necessário diferenciar a interação da interatividade, termos determinantes na relação emissor /receptor e para os efeitos de produção de sentido. Segundo Possari:

“Ao falar-se em interatividade, é preciso diferenciá-la da interação. A segunda é, conforme preceitos bakhtinianos, diálogo, interação, troca *entre* interlocutores humanos e máquinas e humanos (usuários de serviços). A primeira é possibilidade de agir, intervir *sobre* programas e conteúdos” (2002).

Mostra-se mais adequado chamar a relação entre emissor e receptor no EAD, mediada pela rede mundial de computadores, e a atuação conjunta para construção de sentidos de interação.

Podemos afirmar também que essa interação tem como princípio o sócio-interacionismo e que a interatividade é construtivista. Uma tem a capacidade de acolher a necessidade do usuário e satisfazê-lo. Na outra, o usuário faz o papel de operador, assumindo a co-autoria do texto.

Isso se faz possível devido ao caráter de contato transversal que a Internet propicia aos indivíduos. Os pólos autor/ leitor podem prescindir da presença física, mas não da presencialidade, garantia do processo de interlocução, que se caracteriza através do texto na Web.

A inscrição do texto na tela cria uma distribuição, uma organização, uma estruturação do texto que não é de modo algum a mesma com a qual se defrontava o leitor do livro em rolo da Antiguidade, ou o leitor medieval, moderno e contemporâneo do livro manuscrito ou impresso, no qual o texto é organizado a partir de sua estrutura em cadernos, folhas e páginas.

O fluxo seqüencial do texto na tela, a continuidade que lhe é dada, o fato de suas fronteiras não serem mais tão radicalmente visíveis como no livro que encerra, no interior de sua encadernação ou capa, o texto que ele carrega, a possibilidade para o leitor para embaralhar, entrecruzar, de reunir textos que são inscritos na mesma memória eletrônica: todos esses traços indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material escrito assim como nas maneiras de ler (Chartier, 1998).

A grande questão é compreender como o texto no ciberespaço produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos. Essa compreensão, por sua vez, implica em explicitar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido. Enfim, como se dão as novas práticas de leitura?



A Internet constrói um novo universal, um universal totalizante. A universalidade se edifica e se estende por meio da interconexão das mensagens entre si, por meio de sua vinculação permanente com as comunidades virtuais em criação, que lhe dão sentidos variados em uma variação permanente.

Com a Internet surge um dilúvio informacional. A Web torna-se um fluxo e as transformações passam a ser constantes. As informações no ciberespaço tornam-se rizomáticas (Deleuze e Guatari, 1995), estendendo para o *hipertexto* que veicula a complexidade.

Conforme Possari, hipertexto constitui-se em uma tecnologia de recuperação de dados via computador que permite aos usuários fazer ligações entre informantes, através de variedade de conexões. Cada leitor estabelece sua leitura, estabelece uma linearidade específica, provisória e provavelmente única. Uma segunda e terceira leituras podem levar à linearidades diversas, dependendo dos links efetuados e das opções de leituras em momentos em que o tema se bifurca ou oferece múltiplas possibilidades de continuidade. Uma multilinearidade característica do *hipertexto*.

Hoje, o saber equivale à velocidade do surgimento e de renovação dos saberes, da informação. À nova natureza do trabalho – trabalhar quer dizer, cada vez mais, aprender, transmitir saberes, e produzir conhecimentos. O ciberespaço suporta e contribui para as tecnologias intelectuais que, gradativamente, amplificam, exteriorizam e modificam numerosas funções cognitivas humanas – memória, imaginação, percepção, raciocínios.

Com isso favorece:

- Novas formas de acesso à informação;
- Novos estilos de raciocínio e de conhecimento (Lévy, 1999).

Desde a origem, a proposta da EAD renova as fórmulas conhecidas para a educação. Mostra-nos que a educação a distância prefere a imagem de espaços de conhecimentos emergentes, abertos, contínuos, em fluxo, não lineares, que se reorganizam de acordo com os objetivos ou os contextos, nos quais cada um ocupa uma posição singular e evolutiva, do que as formas estanques apresentadas pelo tradicionalismo educacional.

As grandes reformas no sistema educacional são:

- A aclimação dos dispositivos e do espírito do EAD ao dia-a-dia da educação;
- E um novo estilo de pedagogia, que favorece ao mesmo tempo a aprendizagem personalizada e em rede.

A página da Web forma a gotícula de um todo textual em fuga, enquanto na outra (o texto impresso) propõe um filtro singular do oceano de informação. Vemos que o novo paradigma da navegação (oposto ao do curso), que se desenvolve nas práticas de levantamento de informações e de aprendizagem cooperativa no centro do ciberespaço, mostra a via para um acesso ao conhecimento ao mesmo tempo massificado e personalizado.

Nessa linha, a aprendizagem coletiva e o papel do professor passam por uma reformulação:

- A aprendizagem é cooperativa;
- O professor torna-se um animador da inteligência coletiva. Sua atividade será centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens: o incitamento à



troca de saberes, a mediação relacional e simbólica, e a pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem.

A figura do professor-inspetor-babá se desfaz nessa modalidade educativa. O aprendizado faz-se em conjunto, como forma de cooperação, troca simbólica entre os indivíduos: o professor orienta, guia a produção de saberes.

Então, a cibercultura é a transição da educação e da formação estritamente institucionalizadas (a escola, a universidade) para uma situação de troca generalizada dos saberes, do ensino da sociedade por ela mesma, de conhecimento autogerenciado, móvel e contextual das competências.

Baudelaire afirma: “Há o leitor da cidade, leitor da miríade de signos, símbolos e sinais em que converteu a cidade moderna – a floresta de signos”. Enquanto Santaella classifica os tipos de leitores: O leitor Contemplativo – aquele que tem diante de si objeto e signos duráveis, imóveis, localizáveis, manuseáveis. É o mundo do papel e do tecido da tela; O leitor Movente – é o leitor apressado, de linguagens efêmeras, híbridas, misturadas; O leitor Imersivo – ele é obrigatoriamente mais livre, na medida em que, sem a liberdade de escolha entre nexos e sem a iniciativa de busca de direções e rotas, a leitura imersiva não se realiza.

Assim, o leitor que encontramos no EAD é o imersivo. Partimos da hipótese de que este leitor sofre transformações sensoriais, perceptivas, e cognitivas que trazem consequências também para a formação de um novo tipo de sensibilidade corporal, física e mental.

Nessa medida, as semelhanças não podem nos levar a menosprezar o fato de que se trata de um modo inteiramente novo de ler, distinto não só do leitor contemplativo da linguagem impressa, mas também do leitor movente, pois não se trata mais de um leitor que tropeça, esbarra em signos físicos, materiais, como é o caso desse segundo tipo de leitor. Trata-se de alguém que navega em uma tela, programando leituras, num universo de textos evanescentes e eternamente disponíveis, contanto que não se perca a rota que os levam ao primeiro link.

Devemos lembrar também, que não é um leitor contemplativo, seguindo as seqüências de um texto, virando páginas, manuseando volumes, mas um leitor em estado de prontidão, conectando-nos entre nós e nexos, num roteiro multilinear, multisequencial e labiríntico que ele próprio ajudou a construir ao interagir com os nós entre palavras, imagens, documentação, músicas, vídeo etc (Santaella, 1999).

Quanto aos tipos de usuários temos: O novato (nunca entrou na rede); O leigo (conhece a rede, mas superficialmente); O experto (manuseia bem a web). Podemos determinar que os cursistas da educação a distância da UFMT figuram entre o usuário novato e o experto. Afinal, alguns alunos têm e/ou já tiveram algum contato com a Web, diferente de outros.

Nesse último caso, é oferecido no NEAD um módulo intitulado “Aplicações Educativas em Internet” para orientação dos mesmos. O curso prevê: aulas direcionadas aos conhecimentos básicos para a utilização de computador e de navegação na Internet (Introdução à Internet e Conexão à Internet); Conhecimento de um ambiente virtual de Aprendizagem; Fundamentação educativa do uso de tecnologias de informação e de comunicação. Ou seja, o intuito desse módulo é o de direcionar o aprendizado do aluno, utilizando as ferramentas fornecidas pela Web.

Sobre os tipos de raciocínio do leitor, fundamentamos o trabalho segundo a categorização de Peirce: o abduutivo, o indutivo, o dedutivo, respectivamente, primeiridade, secundidade e terceridade.



O primeiro é a simples interpretação. É aquilo tal qual é, independente de qualquer outra coisa. O segundo é a ação e reação em nível de binaridade pura, sem o governo da camada mediadora da intencionalidade. O terceiro equivale à idéia de um signo ou representação. Perceber é traduzir um objeto de percepção em um julgamento de percepção, ou melhor, é interpor uma camada interpretativa entre a consciência e o que é percebido.

Nota-se que a leitura prevista no curso a distância da UFMT é a de secundidade. Uma interpretação nem muito aprofundada, mas não superficial. Uma interação dialógica entendível entre os dois pólos comunicacionais.

Analisar as habilidades cognitivas que estão sendo postas em ação no ato de navegar pelos labirintos das infovias envolve dar-se conta de uma teia intrincada de processos sensoriais, perceptivos, estados de alerta, de reconhecimento e identificação, habilidades discriminativas e seletivas, processos decisórios, memória, aprendizagem, controle motor, tatilidade e, sobretudo, processos de raciocínio (Lévy, 1999).

De acordo com Peirce, a percepção está na porta de entrada de todo pensamento lógico, assim como a ação deliberada está na sua porta de saída, quer dizer, todo pensamento lógico começa na percepção para desaguar na ação. Tal trilogia veste como uma luva a situação do internauta, cujos raciocínios e inferências decorrem da percepção de um fluxo híbrido de signos para desembocar em deliberações e interativas com as linguagens da máquina.

A metáfora da *hipermídia* como texto em movimento, volátil, cabe com justeza, pois ao saltar do fluxo provável para uma saída lateral, o internauta promove aquilo que é chamado de efeito centrífugo da estrutura do link, efeito esse que é descrito por Umberto Eco:

“O emaranhado de ligações oblíquas internas e de links remissivos corresponde a um jogo em que por associação, com cinco passos apenas, se passa de Platão à salsicha. Estabelecem-se relações contíguas e associativas descontínuas, saltando de “salsicha” para “porco”, de “porco” para “cerda”, de “cerda” para “pincel”, de “pincel” para “Maneirismo”, de “Maneirismo” para “idéia”, de “idéia” para “Platão”.

O dialogismo empregado no EAD não significa mero intercâmbio de dois egos habitados pela linguagem. A fala não é propriedade privada de um eu, mas a transformação contínua de uma pergunta em resposta e vice-versa, propulsão criativa do falante que, para compreender a fala do outro, tem de traduzi-la em outra fala: “própria-alheia” (Bakhtin, 1982). Daí a importância do contexto para o dialogismo. Contexto entendido não como ambientação circunstancial que rodeia de modo imediato os falantes, mas no sentido do tempo: “tempo-breve”, mas situacional, aqui e agora; e “tempo grande”, o tempo da linguagem, passado e futuro dos possíveis níveis da linguagem, movimento sem fim em cuja espiral as falas particulares perdem a sua privacidade para o enriquecimento coletivo do sentido.

A aprendizagem em um mundo de navegação, de zapping, de instantaneidade e de realidade virtual não apresenta o perigo de criar seres incapazes de ler textos na sua integridade – de modo definitivo de ler–, indivíduos demasiadamente voltados para a ação, em detrimento da reflexão e do esforço duradouro. Ou então sonhadores, zumbis, sem discernir a diferença entre o universo da fantasia e do real.

A concepção de leitura: como sendo a leitura exclusivamente de letras do código alfabético, cujo protótipo está na leitura de livros, a saber, leitura linear, de seqüências fixas, com princípio e fim determinados e clara noção de unidade das partes em relação ao todo – já está ultrapassada, se levamos em consideração o tempo pós-moderno. Ao



fixarmos nessa idéia, de fato, seremos irremediavelmente levados a concluir sobre a decadência e degradação dos leitores, uma ladainha que, aliás, já teve início com os meios de comunicação de massa.

Para finalizar, indicamos não a conclusão do trabalho, mas sim alguns apontamentos pertinentes ao mesmo. Partimos do pressuposto de que há vários modos de leitura e vários tipos de leitores que são plasmados de acordo com reações e habilidades que desenvolvem diante dos estímulos semióticos que recebem. No cenário de cursistas e tutores do EAD não se mostra diferente, o professor tem o papel de incitar o aprendizado do aluno e, o aluno, tem o papel de construir o saber coletivamente de forma interdisciplinar. Um sistema de troca entre cursistas e tutores *on line*. Além disso, o EAD contribui para uma (res)significação paradigmática no contexto do processo educacional. Um novo olhar *para e sobre* a construção do saber.

## Referências

- ALVES, Rubem. **Filosofia da Ciência** – introdução ao jogo e as suas regras. São Paulo: Loyola, 2005.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BARBERO, J. M. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som** – um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- CHANAIDERMAN, M. **Língua(s)-Linguagem(s)** – Identidades – Movimentos: uma abordagem psicanalítica. In: SIGNORINI, I. (Org.) **Linguagem e Identidade**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.
- CITELLI, A. **Comunicação e Educação** – A linguagem em movimento. São Paulo: Senac, 1999.
- DELEUZE, G.; GUATARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- LÉVY, Pierre. **A conexão planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência**. Tradução de Maria Lúcia Homem e Ronaldo Entler. São Paulo: 34, 2001, p. 192.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: 34, 1999, p. 264.
- LÉVY, Pierre. **O que é virtual**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: 34, 1996, p. 160.
- LITWIN, E. **Tecnologia Educacional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- MORAES, Maria Cândida. **O paradigma Educacional emergente**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1997.
- MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Tradução Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996, p. 336.
- POSSARI, L. H. V. **A produção de material impresso para EAD**. In: Laboratório de produção para a Educação a Distância. Curitiba: UNIREDE, 2000.
- POSSARI, L. H. V. **Comunicação e informação em EAD**. Curitiba: NEAD/UFPR, 1999.
- POSSARI, L. H. V. **Educomunicação e EAD**. Curitiba: FACINTER, 2002.
- PRESTI, Oreste; NEDER, Maria Lúcia Cavalli et al. **Educação a Distância: sobre os discursos e práticas**. Brasília, Líber Livro, 2005.
- SANTAELLA, Lúcia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Palus, 2004.



SOARES, I. O. **Comunicação/educação**: a emergência de um novo campo e perfil de seus profissionais. In: Contato, ano 1, v. 2, jan./mar, 1999.

SPINK, Mary Jane (Org.). **Práticas Discursivas e Produção de Sentido no Cotidiano**: aproximações teóricas e metodológicas. São Paulo: Cortez, 1999.